

Imigração japonesa

Agricultura mogiana se consolida por meio dos ensinamentos nipônicos

Obra dos japoneses, o Cinturão Verde fez com que a cidade ficasse nacionalmente conhecida pela sua rica produção agrícola

Nayara Ruiz
Da reportagem local

Amilson Ribeiro



"Lavoura de japonês": Impecavelmente eficiente, digna de admiração e imitação, a agricultura oriental ainda é destaque depois de muitos anos

Há 102 anos, os primeiros japoneses chegavam ao Brasil. E, por possuir um clima propício e quilômetros de terras a serem exploradas, Mogi das Cruzes foi uma das cidades escolhidas pela maioria dos 250 mil imigrantes que desembarcou no País.

Se hoje, a maior parte da população de origem japonesa já não vive diretamente da agricultura, sua contribuição para o desenvolvimento de diversas culturas agrícolas ficou consagrada na expressão popular, segundo a qual "lavoura de japonês" é algo impecavelmente eficiente, digna de admiração e imitação.

Atualmente, de acordo com o presidente do Bunkyo - Associação Cultural de Mogi das Cruzes, Kiyoji Nakayama, existe na cidade cerca de sete mil famílias de origem japonesa: "Podemos dizer que a população nipônica na cidade está entre 20 e 25 mil. O primeiro imigrante se instalou na região do Cocuera, com o objetivo de cultivar produtos agrícolas. Daí para frente, outras famílias foram se fixando na região, sempre com essa premissa de desenvolver os métodos trazidos do Japão".

Obra dos japoneses, o Cinturão Verde fez com que a cidade ficasse nacionalmente conhecida pela sua rica produção agrícola. Os ensinamentos foram transmitidos às novas gerações, assim como para a população da cidade. Hoje, segundo Kiyoji,

muitos orientais se dedicam a outros setores.

"Por conta da diversificada formação universitária das novas gerações, o setor agropecuário, de maneira geral, está mais nas mãos de brasileiros", disse. O antigo predomínio do japonês na horticultura, de acordo com ele, é mais um mito do que uma realidade. No entanto, um dos poucos lugares onde ainda existe uma boa concentração de horticultores de origem japonesa é em Mogi. A produção é surpreendentemente diversificada: alface, berinjela, couve-flor, repolho, abobrinha, tomate, pepino, cenoura, batata, chuchu, cogumelos, broto de feijão, uva, nêspera, ovos, frangos, rãs, porcos, peixes e flores.

Em décadas passadas, a produção de chá na zona rural começou com a construção do Casarão do Chá. Localizado no bairro Cocuera e concluído no dia 03 de setembro de 1942 pelo carpinteiro Kazuo Hanaoka, o espaço serviu originalmente a uma fábrica de chá preto. "Cuidadosamente projetado em dois andares para a produção do chá - chegou a produzir 30 toneladas por ano -, apresenta traços orientais na sua arquitetura, num estilo que mistura a arquitetura caipira e a carpintaria japonesa", contou o presidente da Associação de Preservação do Casarão do Chá, Akinori Nakatani.

Símbolos

Além da vontade de trabalhar, os japoneses trouxeram sua arte, costumes, língua, crenças e conhecimentos. Como uma forma de reconhecimento e agradecimento, a cidade possui, em diversos pontos, alguns símbolos e estruturas que nos remetem à comunidade japonesa. Dentre eles, destaque para o Parque Centenário, construído em 2008 justamente para homenagear os cem anos da imigração japonesa.

Integram o parque, também, o Museu da Imigração Japonesa e uma réplica do navio Kasato Maru. No mesmo ano, o então prefeito Junji Abe (PSDB) implantou, na entrada da rodovia Mogi-Dutra (SP-88) um torii. Trata-se de um portal de madeira ligado à tradição xintoísta e que assinala a entrada ou proximidade de um santuário.

A Praça do Imigrante Japonês, na Vila Rubens, também é um importante símbolo da imigração japonesa na cidade. A obra é composta por uma mulher carregando uma criança nas costas e um homem apoiando a enxada no ombro. Inaugurada em setembro de 1969 é a representação da população imigrante que se dedica ao setor de agricultura no município.